



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quarta-feira, 8 de agosto de 2012

JORNAL DO COMMERCIO CAPA	1
JORNAL DO COMMERCIO Produção industrial tem recuperação	2
ECONOMIA	
JORNAL DO COMMERCIO Abrinq	3
ECONOMIA	
JORNAL DO COMMERCIO Follow-Up	4
ECONOMIA	
JORNAL DO COMMERCIO Indústria mantém nível de capacidade	5
ECONOMIA	
JORNAL DO COMMERCIO Indústria mantém nível de capacidade (continuação)	6
ECONOMIA	
A CRITICA sim & não	7
OPINIÃO	
A CRITICA Segundo pior desempenho	8
ECONOMIA	
A CRITICA Derivados do trigo vão subir	9
ECONOMIA	
A CRITICA Amazonas Rural (II)	10
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO AM tem o segundo pior desempenho industrial	11
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO AM tem o segundo pior desempenho industrial (continuação)	12
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Custos com manutenção poderão reduzir até 50%	13
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Demanda força procura pelo exterior	14
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Jander Vieira	15
PLATÉIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS CAPA	16
DIÁRIO DO AMAZONAS Indústria recupera parte das perdas	17
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Sundown quer pagar dívida trabalhista com motos, diz advogado	18
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Resolução traz regras mais rígidas para tratamento de esgoto	19
ECONOMIA	

CAPA

Indústria ensaia recuperação após quedas consecutivas

Foto: Walter Mendes



Números apurados pelo IBGE mostram uma pequena recuperação no nível de atividade industrial no Amazonas, mas ainda não suficiente

O nível das atividades industriais do PIM (Polo Industrial de Manaus) avançou 5,2% em relação a maio, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Essa é a primeira vez no trimestre, que o setor anota variação positiva, uma vez que os meses de abril e maio registraram reduções de 5,8% e 2,8%, respectivamente.

Apesar do pequeno aquecimento, as demais comparações não animam especialistas do segmento. Segundo o levantamento, em relação a junho do ano passado, a queda foi de 5,3% e no primeiro semestre pulou para uma redução de 6,3%.

Página A5

Produção industrial tem recuperação

Apesar da ligeira alta em junho, nível de crescimento não tira desconfiança de analistas econômicos do segmento

Por Juliana Geraldo

A produção industrial do Amazonas começa a esboçar uma recuperação. De acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em junho, o nível das atividades do PIM avançou 5,2% em relação a maio. Essa é a primeira vez no trimestre, que o setor anota variação positiva, uma vez que os meses de abril e maio registraram reduções de 5,8% e 2,8%, respectivamente.

Apesar do pequeno aquecimento, as demais comparações não animam especialistas do segmento. Segundo o levantamento, em relação a junho do ano passado, a queda foi de 5,3% e no acumulado do primeiro semestre pulou para uma redução de 6,3%.

"A produção industrial acena para melhores resultados a partir de agora devido às medidas do governo que vão iniciar os reflexos sobre a indústria. Nós vamos conseguir uma recuperação 'mês a mês', mas sem falsas esperanças de atingirmos mesmos níveis do ano passado", avaliou o presidente do Corecon-AM (Conselho Regional de Economia do Amazonas), Ailson Rezende.

O analista econômico da Fieam (Federação das Indústrias do Estado do Amazonas), Gilmar Freitas, pondera que a produção deste ano é evidentemente menor em relação ao ano passado. "Vale lembrar que



Foto: Walter Mendes

Em junho, dos 11 segmentos pesquisados, sete apresentaram recuo na produção

2011 foi um ano de recuperação e expansão após a crise de 2009. Este ano nós já começamos em um patamar inferior e não conquistamos condição econômica favorável para ultrapassar 2011, nem sequer para alcançar o mesmo nível", lamentou.

Ainda assim, ele defende que a recuperação, embora lenta, é salutar. "Mas é o segundo semestre que vai balizar como será o nível de prejuízos. Nossa expectativa está toda concentrada em 2013. Esperamos que seja um ano tão positivo em relação a 2012 quanto 2011 foi em relação

a 2009", apostou.

Segmentos

Em junho, dos 11 segmentos pesquisados, sete apresentaram recuo na produção, entre eles o setor de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (-11,9%) e o de equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros (-26,9%). Além destes, os setores 'outros equipamentos de transporte', edição, impressão e reprodução de gravações, máquinas e equipamentos, também registraram queda de

10,5%, 15,2% e 17,4%, respectivamente.

Dentro desses segmentos, as principais retrações foram verificadas na fabricação de telefones celulares, televisores, relógios, motocicletas, DVDs, e condicionadores de ar.

O setor de alimentos e bebidas, por sua vez, respondeu pela maior contribuição positiva - crescimento de 16,4% sobre igual período do ano passado, puxado pelo incremento na produção de preparações em xarope e em pó para elaboração de bebidas.

Números

BRASIL

A produção industrial brasileira cresceu 0,2% em junho frente ao mês imediatamente anterior, mas caiu 5,5% na comparação com junho de 2011. Já no acumulado do semestre, a queda verificada foi de 3,8%.

Sete das 14 regiões brasileiras pesquisadas pelo IBGE apresentaram crescimento na produção industrial em junho em relação a maio, sendo as principais altas registradas no Amazonas (5,2%), Espírito Santo (2,3%) e Pernambuco (2,2%). Por outro lado, os maiores recuos foram anotados em Goiás (-6%), Rio de Janeiro (-4,3%) e Pará (-4,2%).

Na comparação com junho de 2011, com exceção do Pará (+0,9%), todas as outras localidades obtiveram resultado negativo, como o Rio de Janeiro (-8,6%), o Espírito Santo (-8,5%) e o Paraná (-7,5%).

Já no acumulado do primeiro semestre, a desaceleração afetou oito regiões, com destaque para Rio de Janeiro (-7,1%), Amazonas (-6,3%) e São Paulo (-5,9%).

Os avanços ficaram por conta de Goiás (9,2%), Paraná (3,6%), Bahia (3,1%) e Pernambuco (2,8%), além da região Nordeste (1,8%) e do Pará (1,3%).

Já no acumulado dos seis primeiros meses deste ano, oito das onze atividades recuaram.

A principal retração veio da indústria de máquinas e equipamentos (-24,8%), seguida da fabricação de outros equipamentos de transporte (-11,4%), de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (-5,1%), de edição, impressão e reprodução de gravações (-11,8%) e de equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros (-12,7%).

Entre os produtos, o desa-

quecimento foi sentido na fabricação de condicionadores de ar, fornos de micro-ondas, motocicletas, telefones celulares, DVD's e relógios.

Neste mesmo intervalo, só 3 setores apresentaram crescimento - alimentos e bebidas (+3,0%) com a produção de preparações em xarope para elaboração de bebidas e refrigerantes; produtos químicos (+28,5%) com a indústria de oxigênio e refino de petróleo e produção de álcool (+3,1%), impulsionado pela maior fabricação de gasolina.

Abrinq

Setor de brinquedos espera alta de 12% na receita no Dia das Crianças

A indústria nacional de brinquedos espera uma receita de R\$ 2,5 bilhões nas vendas em lojas para o Dia das Crianças, alta de 12% sobre as vendas para o mesmo período em 2011. Segundo o presidente da Abrinq (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos), Synésio Batista da Costa, a retomada da competitividade da indústria nacional com a valorização do dólar, que desestimulou as im-

portações, e o crescimento da demanda no mercado interno são os fatores principais que explicam o cenário otimista.

"Dessa alta prevista de 12%, o crescimento do mercado interno será responsável por 7 pontos percentuais e 5 virão da retomada de share sobre os importados", disse o executivo à Agência Estado. "É bom lembrar que das várias medidas do governo anunciadas recentemente, ne-

nhuma ajudou o setor". O Dia das Crianças é o principal período para o setor, com 35% das da receita estimada para o ano, de R\$ 7,1 bilhões.

De acordo com o presidente da Abrinq, a valorização do dólar a partir do segundo trimestre deste ano animou o setor, mas gerou um gargalo nas companhias, com uma revisão para cima no volume dos pedidos feitos para as indústrias locais.



Valorização do dólar ajuda na retomada da competitividade da indústria nacional

Follow-Up



Não há milagre em economia

Na percepção de Eduardo Giannetti, um dos mais competentes economistas do país e professor do Insper: "A falta de poupança interna, que restringe a capacidade de investimento do país em pilares essenciais ao crescimento de longo prazo – como educação e infraestrutura –, é o grande entrave ao desenvolvimento econômico". Para ele, o problema – que é histórico – está camuflado por uma superfície de expansão do consumo e longe de ser resolvido. "A nova classe média demanda eletrodomésticos, mas a energia elétrica é cara e falta em muitos locais", diz.

O mesmo contrassenso pode ser observado de várias formas: cresce o interesse dos consumidores por

carros, faculdades e imóveis, mas falta investimento em vias, ensino de qualidade e saneamento básico. Ainda na avaliação do economista, no cenário de crise na Europa e a desaceleração da China, está mais arriscada a dependência da economia brasileira em relação à demanda externa por commodities, como alimentos e minérios. Um dos dados mais preocupantes da economia atualmente é que a formação de capital fixo [maquinaria e instalações das empresas] caiu; e este é um dos fatores que têm levado o PIB brasileiro a crescer pouco. Doravante, para atender a demanda interna vai ser preciso fazer o PIB crescer via investimento. O professor Eduardo Gian-

netti chama a atenção para o fato de que se o preço das commodities se mantiver no patamar em que está já é um ótimo cenário, pois o perigo é que ele caia ante a crise na Europa e a desaceleração da China, importante consumidora. E aí, alerta o economista, "vamos para um território muito perigoso: no caso de qualquer parada no financiamento externo, o país vai para a beira do abismo. É o risco do abuso da poupança externa".

Queda na produtividade
Confirmando a tendência dos últimos anos, um estudo inédito da CNI constatou que a produtividade da indústria brasileira teve queda de 3,7% entre janeiro e maio de 2012, em relação a igual período de 2011. Segundo o estudo, "ao mesmo tempo em que a produção do trabalhador está se deteriorando, a massa salarial da indústria aumentou 9,6% no período". A entidade que representa a indústria brasileira afirma que o aumento do custo gera pressão sobre o preço final dos produtos e traz perda de competitividade.

No estudo, a CNI afirma que a perda de competitividade já é sentida com o aumento da capacidade ociosa nos parques industriais e a alta dos estoques nas fábricas. O último índice de utilização da capacidade instalada medido pela entidade em maio, de 80,9%, é o menor desde fevereiro de 2010.

Estudo inédito da CNI constatou que a produtividade da indústria brasileira teve queda de 3,7% entre janeiro e maio de 2012

Insegurança afasta investimentos

Manaus, com uma população que beira 2 milhões, apresenta grandes níveis de violência. A capital amazonense é a primeira colocada no ranking da pesquisa feita pelo Ministério da Justiça nas 27 capitais no que se refere ao percentual

dos habitantes que evitam sair à noite com medo de ser vítima de violência. Foi constatado que 83,9% dos habitantes adultos de Manaus, por temer a violência, evitam sair à noite ou chegar tarde em suas casas. Considerando a importância da segurança pública como fator de atração de novos investimentos, o governo deveria priorizá-la em suas ações administrativas. Quanto mais segura a cidade, maior o seu desenvolvimento. Para efeito de comparação, no referido ranking, a cidade de Florianópolis é a que oferece o maior grau de segurança no país, com o índice de 51,5%.

Falta planejamento

Na visão do professor Marcos Troyjo o Brasil tem todas as condições de crescer, mas para aproveitar suas potencialidades precisa de um planejamento estratégico. Troyjo, economista

brasileiro e diretor do BricsLab da Columbia University EUA, falou à revista "The Economist" sobre a posição do Brasil no grupo Brics. Ao ser questionado sobre se o país de fato pertence ao bloco, ele afirmou que o crescimento brasileiro é lento em comparação ao da Índia e China, particularmente no setor de inovação. Porém, em sua opinião, o país tem condições financeiras e vontade política para se tornar uma sociedade tecnológica, o que não tem é um plano estratégico. "Ter um plano significa ter um bom diagnóstico e ler o mundo corretamente", diz. Para ele, "o Brasil não pode se tornar uma sociedade tecnológica com apenas 1% do PIB destinado a pesquisa e desenvolvimento". Apesar disso, Troyjo identifica pequenas melhorias e mudanças em curso e considera, por exemplo, a Embrapa como "o MIT da agricultura no Brasil".

Esta coluna é publicada às quartas, quintas e sextas-feiras e é elaborada sob a coordenação do economista Ronaldo Bomfim. cieam@cieam.com.br e rbomfim@hotmail.com

Indústria mantém nível de capacidade

Dados aferidos para o mês de junho mostram índice no menor patamar desde setembro de 2009, segundo a entidade

A utilização da capacidade instalada da indústria ficou estável em junho em comparação a maio. A queda foi 0,1%. O índice ficou 80,8%, segundo dados dessazonalizados (ajustados para o período). O cálculo da CNI (Confederação Nacional da Indústria) foi divulgado ontem. É o menor patamar do indicador desde setembro de 2009. O faturamento real avançou 2,9% e as horas trabalhadas 1,8%. O emprego cresceu 0,3%.

Na comparação com o mesmo mês de 2011, os indicadores industriais apresentam queda capacidade instalada, de 82,4% para 80,8%. Melhorou o faturamento real, que passou de 2,4% para 2,9%. Nas horas trabalhadas houve queda de 1,8% em junho do

ano passado. Agora em 2012 foi registrada elevação de 1,8%. O emprego, que também recuou no mesmo mês do ano passado (0,2%), teve elevação de 0,3% em junho de 2012. Para a CNI, o crescimento da atividade industrial em junho é

O faturamento industrial teve crescimento de 2,9% no mês retrasado na comparação com maio

modesto e não reverte a perda do segundo trimestre do ano, quando comparado aos primeiros três meses de 2012.

No primeiro trimestre, segundo os dados da CNI, as horas trabalhadas na produção caíram 1,4% e a utilização da

capacidade instalada recuou 1,2%. No Rio, o IBGE divulgou pesquisa que aponta crescimento da produção industrial em sete dos 14 estados pesquisados.

Faturamento

O faturamento industrial teve crescimento de 2,9% no mês retrasado na comparação com maio. No caso das horas trabalhadas, indicador que é considerado um bom representante do que ocorre com a produção industrial, houve alta de 1,8%, na mesma comparação. No caso da massa salarial real e do rendimento médio real, houve recuo em junho na comparação com maio, de 1% e 1,4%, respectivamente.



Foto: Walter Mendes

Na comparação com o mesmo mês de 2011, os indicadores apresentam queda na capacidade instalada

Indústria mantém nível de capacidade (continuação)

Indústria reflete bom desempenho em julho, diz Anbima

O bom desempenho de segmentos do mercado capturado pelo Ibovespa e pelo MA-Geral e seus componentes refletiu positivamente na rentabilidade dos principais tipos da indústria de fundos de investimento em julho, afirmou hoje a Anbima (Associação Brasileira das Entidades

dos Mercados Financeiro e de Capitais).

Em julho, as ações "small caps" registraram alta de 3,80%. Nas categorias renda fixa e multimercados, os tipos renda fixa índices e multimercados macro voltaram a se destacar, apresentando valorização de 2,45% e 2,28%,

respectivamente. Esses fundos também continuam apresentando os maiores retornos da indústria em um ano, superados apenas pelo tipo cambial, cujo retorno foi de 32,73%.

A indústria registrou resgate líquido de R\$ 4,7 bilhões em julho, sendo R\$ 3 bilhões em

apenas um fundo da categoria FIDC (Fundo de Investimento em Direitos Creditórios).

Pelo segundo mês consecutivo, a maior captação líquida mensal foi da categoria previdência, com R\$ 1,8 bilhão. No ano, a captação líquida acumulada de R\$ 72,6 bilhões permanece sendo a maior da

série histórica, iniciada em 2002.

As categorias renda fixa (R\$ 20,8 bilhões) e referenciado DI (R\$ 18,6 bilhões) foram as de maior captação líquida, sendo esta última concentrada em um único fundo do segmento corporate.

A análise da evolução da

composição dos ativos na carteira dos fundos até junho revela um aumento da participação relativa das operações compromissadas e dos títulos públicos. Quanto aos investidores, os segmentos poder público, private e corporate também ampliaram sua participação.

sim & não

Saci A propósito, ontem, em sua fala na ALE-AM, o secretário Eron Bezerra fez a seguinte definição da Zona Franca de Manaus: "A ZFM se tornou um saci-pererê: priorizou a indústria, esqueceu o comércio e atrofiou a agricultura".

Segundo pior desempenho

Efeitos da crise econômica atingiram em cheio as indústrias locais, que amargaram recuo de 6,3% no primeiro semestre

LUANA GOMES

luana.gomes@acntica.com.br

À espera do pacote de estímulos prometido pelo governo federal, o Amazonas sinaliza o porquê da necessidade dos incentivos, ao apontar a segunda maior queda do País na produção industrial. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no primeiro semestre, as indústrias do Estado registraram recuo de 6,3% em relação a igual período do ano anterior.

Dentre os 14 locais pesquisados, a performance do setor industrial amazonense foi superior apenas a que foi anotada pelas indústrias do Rio de Janeiro (-7,1%). Segundo o disseminador de informações do Instituto na região, Adjalma Nogueira, oito das 11 atividades pesquisadas registraram queda na produção, com destaque para a indústria de máquinas e equipamentos (-24,8%) e equipamentos de transporte (-11,4%).

De acordo com Nogueira, estes setores tiveram um desempenho a desejar em virtude dos recuos na produção de aparelhos de ar-condicionado e fornos de micro-ondas; e de motocicletas e suas peças. Embora com a unificação do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) para importados em 35%, o segmento de duas rodas aguarda as medidas de Poder Executivo federal relacionadas a desoneração tributária e à facilitação do financiamento de motos, para reerguer a atividade.

Em junho, a fabricação menor de motocicletas foi um dos fatores preponderantes para o desempenho negativo nos ramos de outros equipamentos de transporte (-10,5%) e, conseqüentemente, a queda de 5,3% da produção total,

Redução

Das 11 atividades pesquisadas, sete apresentaram redução na comparação de junho 12/junho 11, com destaque equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros (-26,9%).

ante mesmo período de 2011.

SETE EM QUEDA

No mês, entre as 11 atividades pesquisadas, sete apresentaram redução na produção. O destaque maior foi para fabricantes de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (-11,9%) e equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros (-26,9%), que foram acometidos pela "friagem" na fabricação de telefones celulares e televisores; e relógios.

A terceira perda consecutiva mensal resultou na retração de 10,4% no segundo trimestre de 2012 contra o mesmo do ano passado. A variação, segundo Nogueira, acelerou o ritmo de queda frente ao resultado dos três primeiros meses do ano (-2,0%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior.

EFEITOS PIORES

O presidente da Associação das Indústrias e Empresas de Serviços do Polo Industrial de Amazonas (Alicam), Cristóvão Marques, destacou que a crise deste ano tem reflexos piores que a de 2009. Segundo ele, muitas indústrias não estão vendendo, como no caso das de injeção plástica, que, segundo ele, tiveram queda de 50% na produção.

Marques projeta piora em out-

Imagem



tubro para o setor, devido à falta de encomendas. "As fábricas de motocicletas deram férias. A greve dos auditores trouxe prejuízo. Não há fiscal da agricultura para liberar carga. Há uma crise geral no Polo Industrial de Manaus que prejudica especialmente aquelas indústrias de menor porte", considerou.

Apesar da queda de 8,64% em comparação a 2011 (US\$ 16,38 bilhões), os números relativos ao faturamento das empresas do PIM são superiores ao de 2009. Segundo indicadores da Suframa, de janeiro a maio, o PIM faturou US\$ 14,96 bilhões, alta de 44,38% quando comparados ao desempenho da última crise econômica (US\$ 8,32 bilhões).

Blog

Renilson Silva

DOCTOR EM ECONOMIA
APLICADA



"O governo tem feito um esforço grande

no sentido de induzir o consumo. O problema é que as medidas econômicas atingem apenas parte da cadeia, como a questão do IPI. Os incentivos não foram estendidos a todo setor produtivo, quando há necessidade de beneficiar toda cadeia para melhora do segmento. No Amazonas, ainda há uma questão preocupante, tendo em vista que os bens daqui estão muito ligados à renda das famílias. Assim, se houver uma pequena mudança no nível de confiança dos consumidores, a produção destes itens sofre influências negativas, por não serem de primeira necessidade. Por exemplo, em uma crise, ninguém vai comprar moto desesperadamente, o consumo da mercadoria é adiável. Ainda assim, neste segundo semestre, é provável que haja melhora, em virtude das datas festivas que impactam bem na produção, como o Dia das Crianças e o Natal."

Resultados Regionais (Junho/2012)

Locais	Junho/ Maio*	VARIACÃO (%)		
		Junho 12/ Junho 11	Acumulado Janeiro-Junho	Acumulados nos últimos 12 meses
Amazonas	5,2	-5,3	-6,3	0,7
Pará	-4,2	0,9	1,3	3,1
Região Nordeste	0,5	-1,9	1,8	-0,8
Ceará	-2,2	-3,0	-2,0	-6,3
Pernambuco	2,2	-3,9	2,8	3,2
Bahia	2,1	-2,6	3,1	-0,3
Minas Gerais	1,3	1,1	-1,4	-1,6
Espírito Santo	2,3	-8,6	-5,9	-2,2
Rio de Janeiro	-4,3	-8,6	-7,1	-4,2
São Paulo	1,0	-7,2	-5,9	-3,6
Paraná	-3,7	-7,5	3,6	8,0
Santa Catarina	-1,4	-3,4	-3,4	-4,7
Rio Grande do Sul	-3,1	-7,0	-2,1	0,0
Goiás	-6,0	-5,2	9,2	9,5
Brasil	0,2	-5,5	-3,8	-2,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
* Série com Ajuste Sazonal

Derivados do trigo vão subir

Baixa oferta internacional do trigo e alta do dólar devem elevar preço de pães e massas ao consumidor

O consumidor brasileiro deve sentir nos próximos meses mais uma alta no preço do pãozinho de cada dia, que foi reajustado em 10% em junho. Isso porque a sua principal matéria-prima, o trigo, vem sofrendo alta de 40% em função da seca e

alta do câmbio e redução da oferta das regiões produtoras.

A tonelada da *commodity* que subiu de US\$ 250 para US\$ 350, além da alta do dólar, já resultou em um reajuste dos atuais R\$ 73, para cerca de R\$ 100, no preço da saca de 50 quilos de fari-

nha de trigo, segundo o presidente da Associação dos Moinhos de Trigo do Norte e Nordeste do Brasil, Roberto Schneider. Ele disse que esta é uma forma de manter a sustentabilidade das empresas e a atratividade econômica do setor moageiro.

No entanto, Schneider ressaltou que o aumento do trigo não é o principal fator inflacionário para a indústria de massas e panificações. "A farinha não é vilã para o custo do pão, já que ela representa 80% das etapas. O custo final inclui despesas da pade-

Busca rápida

*

Brasil produz metade do consumo

Cerca de 50% do trigo consumido no Brasil é produção nacional dos Estados do Paraná (que produz o tipo hard para panificação) e Rio Grande do Sul (que produz o soft ou brando), regiões subtropicais propícias para o plantio.

ria, aditivos, mão-de-obra, energia, embalagem, entre outros".

O problema, segundo Schneider, é a baixa oferta do trigo da Argentina para o Brasil, que terá que recorrer ao trigo do Canadá, já que a produção nacional de 5,5 milhões de toneladas do Paraná e Rio Grande do Sul, não conseguirão suprir a demanda de consumo.

O Brasil é considerado o segundo maior comprador de trigo do mundo e consome 14 milhões de toneladas do bem. O restante é importado da Argentina, Uruguai e Paraguai.

Amazonas Rural (III)

Creio que todo aluno de Economia, na segunda metade do século XX, estudou em livros textos de Paul Samuelson, professor de Macroeconomia do MIT e o primeiro norte-americano a ganhar o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas, em 1970. Ele ensinou que "a primeira lição de economia é: as coisas geralmente não são o que parecem ser". O axioma veio-me à mente ao analisar, nestas páginas, o programa "Amazonas Rural", do governo amazonense, voltado ao fortalecimento de nosso setor primário. Coerentemente, "baseia-se no princípio da sustentabilidade, isto é, de que não há desenvolvimento sem sustentabilidade e nem sustentabilidade sem desenvolvimento". O

problema, como reconhece o próprio secretário Eron Bezerra, da Sepror, em *e-mail* que me enviou, reside na brutal escassez de recursos com que o sistema Sepror/Idam opera. O pacote de medidas anunciadas, no valor de R\$ 1 bilhão, tem comprometidos apenas R\$ 100 milhões do Orçamento estadual. O grosso dos recursos deverá vir do governo federal (R\$ 200 milhões) e da iniciativa privada (R\$ 700 milhões). Neste caso, um volume muito acima da realidade do nosso produtor rural. As atenções historicamente dispensadas pelo governo à agropecuária amazonense, não obstante sua indiscutível importância têm sido insignificantes. Isto é sabido e lamentado por todos os segmentos produtivos. A

Sepror/Idam representa apenas 0,87% da Receita Bruta estadual, uma dotação absolutamente ridícula. O mínimo exigível seria de 3%, patamar que possibilitaria executar em escala razoável programas e projetos levados a cabo nos 62 municípios. E também manter estrutura física, de pessoal técnico e de apoio em níveis condizentes com a importância do setor. De outra forma, o programa proposto corre o risco de naufragar na mesmice eleitoreira de seus predecessores. Ao que me informa por *e-mail* o ex-secretário Executivo de Planejamento da Sepror e atual Coordenador da Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa, Alberto Martins de Freitas, alguns pontos precisam

ser levados em conta na tramitação dos projetos de lei enviados a ALE. A começar pelo questionamento do porquê de o Governo do Estado não aproveitar este momento para "discutir a aplicação dos recursos do FTI e do Programa de Atração de Agroindústrias (Proagro), que, até hoje, não dispõe de um centavo para a sua operacionalização". Lembra ainda que "os 100 milhões de reais do orçamento estadual previstos no Amazonas Rural cobrem apenas uma ação de recuperação de 5.000 km de estradas vicinais existentes no Amazonas, ao preço médio de R\$ 20.000,00 o Km recuperado". Quanto ao Proinsumos, o Governo do Estado poderia ousar ao instituir política de incentivos fiscais e financeiros em benefício do produtor rural, estendendo ao campo o tratamento dispensado às empresas do Polo Industrial de

Manaus (PIM). O efeito sobre a produção, o emprego e a renda seria imediato. Tais subsídios (apoio financeiro) agiriam como forma compensatória de nossas desvantagens locacionais em relação aos centros fornecedores de insumos. O produtor passaria a adquirir, a preços incentivados, adubos e defensivos essenciais e vitais ao processo produtivo, tais como: corretivos de solo, fertilizantes, defensivos, sementes e mudas, ração, medicamentos, vacinas, máquinas e equipamentos agrícolas e agroindustriais. Para exemplificar: enquanto uma tonelada de calcário custa no resto do Brasil em torno de R\$ 45,00, em Manaus, devido ao custo do frete, chega ao agricultor a quase R\$ 400,00, quase 800% a mais. Não é à toa que o Amazonas importa cheiro verde do Nordeste e tambaqui do Centro-Oeste.

Osiris
Silva

e-mail:
osiriasilva@
gmail.com



AM tem o segundo pior desempenho industrial

ANWAR ASSI

Equipe EM TEMPO

Embora tenha fechado o mês de junho deste ano com alta de 5,2%, em relação ao mês anterior, a produção industrial do Amazonas apresentou o segundo pior desempenho do país, no primeiro semestre de 2012. Ao registrar uma queda de 6,3% no acumulado, o Estado ficou atrás apenas do Rio de Janeiro, que teve baixa de 7,1%.

Os resultados negativos não param por aí. Se comparada a junho do ano passado, a produção industrial local também decresceu 5,3% no mesmo mês de 2012. Na avaliação dos especialistas, o saldo negativo da indústria amazonense é reflexo, principalmente, do baixo desempenho do polo de duas rodas.

"O polo de duas rodas, no primeiro semestre, não teve, sequer, um único mês de saldo positivo", ressaltou o disseminador de informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Adjalma Nogueira.

Segundo dados do instituto, o ramo de outros equipamentos de transporte, do qual faz parte o polo de duas rodas, registrou queda de 10,5% em junho. No primeiro semestre, a retração foi de 11,4%.

O segmento, que é um dos principais do Polo Industrial de Manaus (PIM), tem reclamado da queda das vendas que ocorreram em função da forte restrição do crédito, imposta

pelas instituições bancárias na hora de financiar a compra de motocicletas.

Queda nas vendas

Dados da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo) mostram que, no primeiro semestre deste ano, a venda de motocicletas em

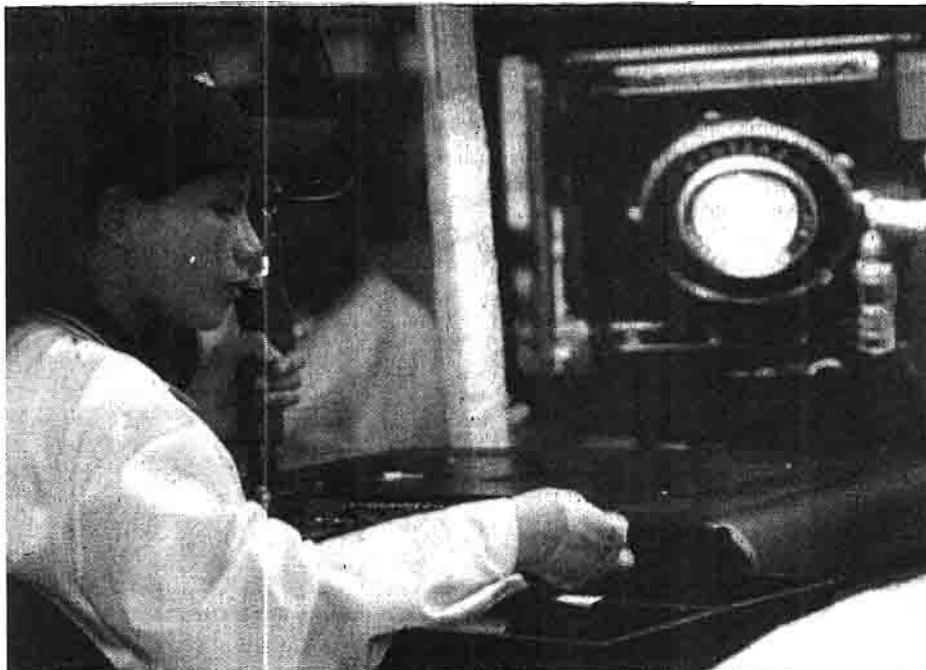
'VILÃO'

Polo de duas rodas foi apontado como principal "culpado" pelo baixo desempenho do Estado. Isso porque, segundo o IBGE, o setor não apresentou crescimento em nenhum mês do primeiro semestre

todo o país apresentou uma baixa de 13% em relação ao mesmo período do ano passado. No comparativo com maio de 2012, a retração de junho foi de 8,2%.

Por meio da assessoria, o presidente da Abraciclo, Marcos Fermanian, enfatizou que o alto índice de exigências e o maior rigor imposto, no fim do ano passado, pelas financiadoras, na aprovação do crédito, fizeram com que apenas 20% dos consumidores aptos a arcar com o financiamento conseguissem a liberação do crédito, enquanto que os outros 80% foram recusados e tiveram a compra vetada.

AM tem o segundo pior desempenho industrial (continuação)



Em do polo de duas rodas, o setor de eletroeletrônicos também puxou a queda na produção

Baixa no setor de eletroeletrônicos

Afetada por fatores como a concorrência desleal dos importados e a crise econômica internacional, a produção do setor eletroeletrônico também registrou desempenho negativo. Segundo o IBGE, no primeiro semestre do ano, o ramo de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações apresentou queda na produção de 5,1%.

"Nossa produção ficou abaixo do que esperávamos.

Temos a confiança de que o segundo semestre será melhor para o setor eletroeletrônico devido as festas sazonais no período", salientou o presidente do Sindicato da Indústria de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares em Manaus (Sinaees), Celso Piacentini.

"De modo geral, a indústria tem tido retrocesso em todo o país. Há um freio no consumo. O desempenho amazonense é reflexo

do que acontece no setor industrial como um todo, mas principalmente devido à queda nas vendas do polo de duas rodas", avaliou o economista Rodemarck Castelo Branco.

Conforme o IBGE, no primeiro semestre de 2012, houve baixa na produção em oito dos 14 Estados pesquisados. O Pará foi o único que obteve resultado positivo, com crescimento de 0,9%.

Medidas para 'alavancar' indústria local

No final do mês passado, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, afirmou que o governo adotará novas medidas para estimular o crédito para a compra de motocicletas. O anúncio foi feito após reconhecer que a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) foi insuficiente para alavancar o polo de duas rodas.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), Antônio Silva, destacou que o governo precisa agir e adotar medidas que estimulem as vendas de motos.

O secretário de Estado da Fazenda, Isper Abrahim, salientou que o Amazonas tem reivindicado que o governo federal adote medidas para facilitar a concessão do crédito, incentivar o consumo e, consequentemente, o crescimento da produção industrial. "É preciso haver a redução de mais impostos para estimular a produção", ressaltou.

Custos com manutenção poderão reduzir até 50%

Projeto da indústria naval local é implantar no Estado um centro de reparos de embarcações. Hoje, a manutenção é feita apenas no Rio de Janeiro ou no exterior

ANWAR ASSI
Equipe EM TEMPO

A indústria naval amazonense poderá subir mais um "degrau" com a implantação de um centro de reparos de embar-

cações no Estado. Conforme a Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (Seplan), se aprovada a instalação do serviço em uma área no Puraquequara, o setor terá uma economia de 50% nos custos

com manutenção, hoje feita apenas no Rio de Janeiro e no exterior.

"Os custos na região seriam a metade do que é desembolsado hoje com consertos em estaleiros na Europa e na Ásia", reforçou

o secretário executivo da Seplan, Ronney Peixoto.

Atualmente, de acordo com a Seplan, no país existem apenas dois grandes estaleiros que fazem consertos de barcos, ambos localizados no Rio de Janeiro.

Demanda força procura pelo exterior

Conforme Ronney Peixoto, devido à grande demanda nas duas unidades brasileiras, as empresas são obrigadas a enviar suas embarcações danificadas ao exterior para países como a China e Coréia do Sul, o que encarece os custos com a manutenção.

Segundo a Seplan, a criação de um centro de referência em reparos de embarcações, cuja implantação empregará, ao menos, 5 mil trabalhadores, faz parte da intenção do governo de fortalecer a industrial naval do Amazonas. O projeto, que na primeira fase de implantação demandará R\$ 2 bilhões, deverá sair do papel a partir de 2014.

Trâmite

Atualmente, o governo aguarda uma resposta da União sobre o repasse ao Estado do controle de duas áreas próximas ao Puraquequara, onde o polo será instalado.

Jander Vieira

No auditório da Fucapi acontece hoje, às 14h, a abertura da exposição itinerante “Uma mulher à frente de seu tempo” e palestra da diretora da Aliança Francesa, Thérèse Aubreton, sobre a vida e a obra da cientista Marie Curie.

CAPA

ECONOMIA

Indústria do AM dá sinais de recuperação e cresce 5,2% de maio para junho

Estatística gerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que a indústria do Amazonas registrou crescimento de 5,2% entre maio e junho, mas perdas no ano preocupam.

PÁG 10

Indústria recupera parte das perdas

Setor amazonense teve o melhor resultado do País de maio para junho, segundo dados do IBGE

TEXTO Henrique Saunier
FOTO Sandro Pereira/16/03/12

MANAUS

A indústria do Amazonas mostrou sinais de recuperação na passagem de maio para junho, ao obter o maior crescimento do País, de 5,2%, recuperando parte das perdas no ano. No semestre, o Estado ainda está no vermelho e tem o segundo pior resultado do Brasil, com queda de 6,3% ao longo deste período, à frente apenas do Rio de Janeiro (-7,1%).

Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados ontem. Para entidades representativas do setor, o momento atual já é comparado ao cenário da crise de 2009.

Em seis meses, oito das 11

atividades tiveram queda na produção. Com diminuição de 24,8%, a indústria de máquinas e equipamentos exerceu a maior influência negativa, seguida da de motocicletas (-11,4%), material eletrônico e aparelhos e equipamentos de comunicações (-5,1%).

O vice-presidente do Conselho Regional de Economia do Amazonas (Corecon-AM), Francisco de Assis Mourão Júnior, encara com preocupação a queda. Segundo ele, o setor de Duas Rodas tem papel fundamental nesse cenário negativo.

O vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), Nelson Azevedo, afirmou que as expectativas para o ano estão baixas, e compara o cenário atual com o vivido em 2009, ano da crise mundial financeira, que teve grande impacto no Polo

Industrial de Manaus (PIM).

“Até agora, não temos um sintoma de recuperação. Estamos quase na mesma situação de 2009, vivendo um momento muito parecido com aquela crise. Temos um primeiro semestre perdido e segundo não vislumbramos um horizonte de recuperação”, analisou.

Somente em junho, a produção industrial do Amazonas recuou 5,3% frente a igual mês do ano anterior e assinalou o terceiro resultado negativo consecutivo nesse tipo de comparação.

A fabricação de telefones celulares, televisores e relógios contribuiu mais fortemente para o resultado negativo. De acordo com o IBGE, o setor de equipamentos de transporte caiu 10,5% devido à menor fabricação de motocicletas.



SEGMENTOS
A fabricação de celulares, TVs e relógios vem tornando perdas ao longo do ano

Economista descarta haver **saída imediata para crise na indústria** e critica inércia do governo

Sundown quer pagar dívida trabalhista com motos, diz advogado

A Brasil e Movimento (Sundown Motos) quer pagar os débitos trabalhistas, no valor aproximado de R\$ 8 milhões, com motocicletas. A proposta foi apresentada aos ex-funcionários ontem, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do Amazonas (Sindmetal/AM). Dos 550 trabalhadores representados pelo advogado da entidade, 37 aceitaram a proposta da empresa.

“Para evitar que outro credor da empresa penhore a moto logo após a produção, o acordo prevê que o funcionário já será o proprietário antes mesmo de ela ser montada”, explicou o advogado dos ex-empregados, Renir Begnini. Além dos trabalhadores, a Sundown também deve a fornecedores e prestadores de serviço.

Entre as reivindicações dos ex-funcionários, estão salários atrasados, verbas rescisórias dos demitidos, pagamentos do Fundo de Garantia por Tempo

OS NUMEROS

R\$ 8

milhões é o valor

aproximado da dívida da Sundown, segundo advogado dos ex-empregados, que representa 550 trabalhadores.

de Serviço (FGTS), férias e 13º salário. “Outras ações pontuais abrangem desvio de função, indenização por doença ocupacional e horas extras”, disse.

O operário João Veloso, 47, é dos um funcionários com processo contra a Sundown. “Trabalhei quatro anos lá, quando me acidentei, eles cortaram cesta básica, plano de saúde e depois até o salário não recebi mais, fechei um acordo, no ano passado, de uma moto no valor de R\$ 4,2 mil e mais duas parcelas de R\$ 550, mas até agora não recebi nada”, contou.

Resolução traz regras mais rígidas para tratamento de esgoto

▼ Em Manaus, 600 empresas têm 60 dias para se adequar

TEXTO Felipe Carvalho

FOTO Raimundo Valentim/03/12/08

MANAUS

Manaus possui cerca de 600 estabelecimentos que devem se adequar às novas regras de tratamento de esgoto estabelecidas pelo Conselho Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento (Comdema). A resolução publicada no Diário Oficial do Município (DOM) traz regras mais rígidas que as normas nacionais, incluindo o prazo, que enquanto na resolução federal é de três anos, em Manaus cai para 60 dias. Empresários e diretores ouvidos pelo DIÁRIO demonstraram desconhecer a publicação.

De acordo com a gerente de Projetos Industriais da Secre-

taria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semmas), Karina Bueno, as novas regras têm como alvo todos os empreendimentos que devem possuir estações de tratamento de efluentes, como indústrias, comércios, condomínios, hospitais e hotéis. A pasta informou que notificará todos os estabelecimentos sobre as mudanças.

As normas municipais trazem parâmetros mais baixos que as nacionais quanto à presença máxima de substâncias tóxicas na água a ser liberada nos rios. Enquanto a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) determina o nível de até 0,5 miligramas de arsênio por litro, a de Manaus fixa até 0,01 - 50 vezes menor. "O rigor nos padrões

OS NÚMEROS

2007

▼ Ano de publicação da '**Lei das Águas**', precursora da resolução. Assim, a Semmas diz não haver motivo para a 'surpresa' dos empresários.

visa assegurar as características dos nossos rios", disse Bueno. "Como os empresários sempre pedem mais prazos, estamos cobrando 60 dias para ter tudo certo em até um ano".

O presidente do Centro das Indústrias do Estado do Amazonas (Cieam), Wilson Périco, disse desconhecer a resolução, mesmo caso de representantes de construtoras locais.